



» A DESPENALIZAÇÃO FAZ AUMENTAR O NÚMERO DE ABORTOS

AUMENTO DO ABORTO SEGUNDO A EUROSTAT	Aumento
Suécia (entre 1960-2004)	1.134 %
Reino Unido (entre 1968-2002)	733 %
Espanha (entre 1987-2003)	578.8 %
Grécia (entre 1989-2001)	200.8 %

Fonte: Eurostat

EM PORTUGAL APÓS JULHO DE 2007 (entrada em vigor da lei do aborto livre até às 10 semanas)

Aborto legal aumentou 38% entre 2007 e 2008

Nos 18 meses após a liberalização do aborto, **96,9% dos abortos foram feitos por opção da mulher**, 2,3% por grave doença ou malformação congénita do nascituro, 0,6% por razões de saúde da mulher, 0,2% devido a gravidez por violação. (Fonte: DGS).

NOTA: Antes da liberalização, quase 80% dos abortos eram feitos por problemas de saúde do feto.

Nas clínicas privadas o lucro financeiro sobrepunha-se ao cumprimento da lei já antes da liberalização:

Portugal (sem aborto livre) - aborto legal só nos hospitais públicos: 77,6% causa fetal, e só 17,3% causa materna (DGS-04)

Espanha (sem aborto livre) - cerca de 90% dos abortos feitos em clínicas privadas: mais de 96% justificados por risco para a saúde da mãe, quase todos por "causas psicológicas", e só 3% por deficiência do feto.

ESPAÑHA: ESTADÍSTICAS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE ESPANHOL SOBRE 2007

- O número de abortos aumentou todos os anos desde a despenalização em 1985.
- Em 2007 fizeram-se 112 138 abortos legais. Mais de 307 abortos por dia (mais 10% do que em 2006)
- Somente 2,9% devido a risco de malformação fetal e menos de 0,01% devido a violação (10 casos)
- 96,9% dos abortos foram justificados por "risco para a saúde da mãe", na sua enorme maioria por razões psicológicas, no entanto, a medicina nos países desenvolvidos praticamente fez desaparecer os riscos físicos da gravidez para a mãe (pode-se operar ao coração uma mulher grávida...) e os riscos psíquicos são contestados. O parecer elaborado pelo Colégio de Especialidade de Psiquiatria considera que não há nenhuma situação em que o risco de «grave e duradoura lesão para a saúde psíquica» da mulher, consubstancie a necessidade de recorrer a uma IVG. Isto é, «não há nenhum diagnóstico do foro psiquiátrico que, inequivocamente, implique tal pressuposto». Germano de Sousa, Bastonário da Ordem dos Médicos de 1999 a 2004, considera que o aborto «não só pode não garantir a resolução do sofrimento como até pode induzi-lo ou agravá-lo».
- Quase 90% dos abortos foram realizados em clínicas privadas apesar de quase todas as comunidades autónomas terem centros de saúde pública para IVG (pois as clínicas privadas, cujo objectivo é o lucro, são muito menos exigentes no que diz respeito ao cumprimento da lei)
- Taxa de abortos (mulheres de 15 a 44 anos): 11,49 por mil, praticamente o dobro de há uma década
- Maioria mulheres entre os 20 e 29 anos.

Após cerca de 25 anos de despenalização

2007: **22,9% de abortos repetidos**

Clínicas anunciadas nos jornais

O aborto cresceu 4 a 5 vezes mais que os nascimentos



ALGUNS EXEMPLOS DE MANIPULAÇÃO DOS NÚMEROS:

Nunca há dados absolutamente seguros quanto ao aborto clandestino, por isso é fácil manipular dados e lançar números alarmantes para a opinião pública:

EM PORTUGAL

O alarmismo:

108.000 abortos por ano e 11.000 internamentos no hospital devido a esta causa! Foi o número lançado na comunicação social, antes da liberalização do aborto, como referente a abortos provocados clandestinos que supostamente deixariam as mulheres em perigo de morte.

A realidade na mesma época:

Não há nenhum estudo que indique o número de abortos clandestinos, mas houve 1426 entradas em hospital por aborto clandestino, das quais mais de 89% por aborto incompleto ou retido, e somente 56 casos na sequência de complicações de saúde (infecções). Não houve nenhuma morte.

(Dados da Dir.-Geral de Saúde - 2004)

Comparação com outras realidades:

Em Portugal, no mesmo ano de 2004, houve mais de 35.000 internamentos e mais de 300.000 consultas nos hospitais públicos só nos serviços de Cardiologia.

(Ministério da Saúde – IGIF: Inst. de Gestão Informática e Financeira da Saúde)

O aborto legal não evita o aborto clandestino

Em Portugal, em 2007, ano da entrada em vigor da Lei do aborto livre até às 10 semanas, o registo de internamento por aborto clandestino atingiu o nível mais alto desde 2002 (*Fonte: DGS*)

A LEI TEM UM EFEITO DISSUASOR

Nos E.U.A., 3 anos após a legalização do aborto, 72% das mulheres interrogadas afirmaram categoricamente que se o aborto fosse ilegal nunca o teriam feito; 24% exprimiram dúvidas sobre se o teriam feito ou não; somente 4% das interrogadas afirmaram que teriam feito o aborto ainda que ele fosse ilegal. (*Cf. Aborted Women: Silent No More, David Reardon, Chicago, Loyola University Press, 1987.*)”

Após 25 anos de liberalização, esta não diminuiu a prática (40% dos abortos são repetidos)

Conclusões das estatísticas oficiais depois da legalização:

Legalização do aborto e planeamento familiar:

As estatísticas revelam que o número de abortos vai crescendo, e não diminuindo. A legalização do aborto faz com que este passe a ser um recurso mais frequente em caso de falhas dos métodos de planeamento familiar. A este respeito, a experiência da França é elucidativa. Um estudo do Institut National d' Études Démographiques (ver Population et Société, n° 407) revela que o número de gravidezes imprevistas desceu de 46% em 1975 (ano da legalização do aborto) para 23% em 2004. O número de abortos em caso de gravidez imprevista subiu no mesmo período de 41% para 60%.

A legalização do aborto não evita a gravidez adolescente:

Em Portugal, a gravidez adolescente (assim considerada até aos 20 anos da mãe) nos 30 anos que antecederam a liberalização do aborto diminuiu todos os anos. Temos menos gravidez adolescente que o Canadá, E.U.A. ou Nova Zelândia (onde o aborto é legal). Os países nórdicos têm menos partos de adolescentes porque têm muito mais aborto adolescente (as jovens continuam a engravidar só que não levam a gravidez até ao fim)

Em Portugal, ¾ dos casos de gravidez adolescente são de maiores de 17 anos, e a maioria dos casos abaixo desta idade são de jovens com vida marital por opção, do interior do país, e de etnias cigana, guineense e cabo-verdiana, que não desejam abortar mesmo legalmente.

A POPULAÇÃO EUROPEIA ESTÁ EM QUEDA ABSOLUTA:

Segundo as previsões da ONU (State of World Population 2004, UNFPA) a UE25, que actualmente representa 7,1% da população do mundo, descerá para 4,8% a meio do século.

Portugal tem um contínuo défice de 55000 nascimentos por ano, isto é, 6 por hora.

(Comunicado APFN 10/1/2006)